

Justiça Climática e Insegurança Alimentar

Este material foi feito para sensibilizar a todes interessades pela causa ambiental voltando nossos olhares para a Justiça Climática.

Já sabemos que são cerca de 828 milhões de pessoas passando fome no mundo (ONU) e o assunto insegurança alimentar fica ainda mais evidente quando eventos climáticos extremos entram na equação.

Por isso, vale se atualizar sobre tudo isso. E, quem sabe, levar a discussão para dentro dos seus grupos, coletivos e territórios.

VAMOS LÁ!



MUDANÇAS CLIMÁTICAS

3

Os eventos extremos que têm acontecido no planeta como o calor exagerado em épocas do ano que estávamos acostumados com chuva todo dia, grandes enchentes e a consequente escassez de alimentos, por exemplo, têm relação direta com a crise climática que vivemos.

As mudanças climáticas interferem, hoje, diretamente no modo de vida da população, levando ao desequilíbrio do ecossistema, a instabilidade de produção agrícola, por exemplo, e à fome.

Quando falamos em emergência climática, estamos discutindo sobre mudanças drásticas no padrão climático do planeta, que envolve temperatura, precipitação, umidade, entre outros fatores.

Desta forma, são essas mudanças que interferem diretamente na saúde da população, uma vez que das ondas de calor ou frio extremo, os corpos mais marginalizados, como comunidades indígenas, pretas, quilombolas, ribeirinhas e periféricas, são penalizados e colocados em situações de vulnerabilidades diversas.

4

INSEGURANÇA ALIMENTAR

5

De acordo com o 2º VIGISAN - Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil - 125,2 milhões de pessoas convivem com algum grau de insegurança alimentar, algo que corresponde a 58,7% da população brasileira.

Em comparação ao ano de 2020, houve aumento de 7,2% dentre a população que é afetada pela fome no Brasil. E, quando comparado a números de 2018, o avanço alcança 60%. Isto é, em números, cerca de 33,1 milhões de brasileiros, o equivalente a 15,5% da população, convivem com a insegurança alimentar no país.

Segundo a Nature Food, a crise climática que cresce no mundo pode comprometer a produção agrícola, afetando diretamente a segurança alimentar da população. Monoculturas como o trigo, milho, soja, arroz, batata, estão cada vez mais propícias às problemáticas da poluição atmosférica, desmatamento e queimadas, tendo como consequência a baixa produção desses produtos e gerando ainda mais escassez do alimento e do trabalho, sendo então um fato de importante destaque no combate a fome.

6

No Brasil, esse quadro se agrava com as mudanças da temperatura, umidade e precipitação, por exemplo, afetando o cultivo de mandioca, batata e soja, segundo o The Daily Climate, agravando a insegurança alimentar, aumentando a desigualdade, também, nos preços a partir dos quais a comida chega às mesas.

7

Segundo AdaptaClima, "a mudança do clima pode impactar negativamente a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) da população uma vez que temperaturas muito altas, ocorrência de desertificação, estresse hídrico e outros processos decorrentes afetam o direito humano à alimentação adequada, ou seja, o acesso regular e permanente aos alimentos", fala-se em quantidade e qualidade, também.



A instabilidade produtiva gerada por efeitos da mudança do clima impacta, principalmente, os agricultores familiares que dispõem de menos acesso a recursos para a adaptação, portanto, se vendo em uma situação ainda mais delicada.

O setor agrícola é um dos setores econômicos mais sensíveis à mudança do clima, pois, depende diretamente das condições climáticas adequadas. As possíveis perdas dessas produções impactam na oferta de alimentos e também as oportunidades de trabalho e geração de renda no meio rural.

Estudos da Embrapa, apontam que em decorrência da mudança do clima, até 2030 o Brasil poderá perder até 10.6 milhões de hectares de terras destinadas à agricultura.

(Texto adaptado de AdaptaClima)





VINÍCIOS CABANO

Liderança jovem do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - o MST. Benevides/PA.

POR TERRA, TETO E PÃO!

Os impactos chegam direto na vida de quem vive e defende a terra, e para falar sobre isso, convidamos o Vinícios Cabano, ele que é uma das lideranças jovens do MST e que comenta sobre a importância de incluir o debate sobre (in)seguranças alimentares quando o assunto é justiça climática.

Para ele, "além de um sistema ser tão predatório, destruir, consumir, explorar e consumir em abundância e ainda assim isso não voltar para o próprio ser humano, isso não é falado... Eu acredito que a gente tem que falar dessa forma, de como alguns modelos de produção, um sistema, acaba interagindo com o meio ambiente e acabam acelerando algumas transformações que talvez demorariam anos".

Vinícios conclui ainda dizendo que "...a contribuição do MST vai desde a recuperação de áreas degradadas, com o replantio de árvores, e para isso existem vários projetos. Tem também o cuidado com as reservas, com as ocupações e a proteção das reservas ambientais". Ressaltando o legado daqueles que defendem o bem viver coletivo, com direito a terra e alimentação digna.

O QUE PODEMOS FAZER SOBRE ISSO

11 Para muitas pessoas crise climática é um assunto novo que, infelizmente, chega até os nossos cotidianos em forma de catástrofes e perdas de vidas, tanto humana quanto animal. Em resumo, chega em forma de caos socioambiental.

E quando falamos em Justiça Climática é no sentido de olhar para aquelas pessoas que vão enfrentar eventos extremos em condições desiguais de segurança e dignidade humana, desfavorecidas quando o assunto é, por exemplo, saneamento básico: coleta regular de resíduos sólidos, tratamento de esgoto, fornecimento de água potável e direcionamento de águas pluviais adequadamente. Isso para falar apenas de algumas frentes de ação de dever público.

Falar sobre insegurança alimentar nesse contexto é entender que não existe justiça ambiental no país que existe fome. É ressaltar que, para apontarmos soluções, é preciso sentar à mesa com aqueles que sentem e vivem na pele as consequências das injustiças sociais no nosso país e propor soluções reais, possíveis e honestas dentro da realidade coletiva.

E o que podemos fazer sobre isso? Votar em quem pauta alimentação e condições de vida adequadas nos territórios, pelo direito a vida com justiça e dignidade à todes que criam e recriam seus territórios e lutam pelo bem viver coletivo. Além de acompanhar como as políticas públicas estão se desdobrando nessa direção.

VALEU!

Obrigade por ter chegado até aqui!

Este conteúdo foi produzido com apoio do programa Jornalismo e Território, da Énois Laboratório de Jornalismo, e é resultado do esforço coletivo de comunicadores envolvidos em projetos como Tela Firme, Ame o Tucunduba, Negritar Produções e Tapajós de Fato. Gratidão pela fala, Vinícios! Valeu a todes envolvidas da equipe Énois.

E, até mais!

Para saber mais, acesse www.enoisconteudo.com.br ou @enoisconteudo nas redes sociais.

Ficha técnica

TEXTO

Damilly Leite @damilly_yared
Pedro Israel @botodebelem
Tayna Silva @_pretay
Hyan Faber @hyan.faber

EDIÇÃO

Camila Simões
Jessica Mota

EDIÇÃO GRÁFICA

Hyan Faber

EQUIPE ÉNOIS

Sanara Santos | Agente de formação
Jessica Mota | Editora-orientadora
Camila Simões | Editora-mentora

ÉNOIS